

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 216

17 de agosto de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Começarei lendo umas notas que dão uma idéia do requisito fundamental do ensino de filosofia. Um requisito que não é apenas negligenciado, como é em geral ignorado no Brasil. Nunca vi ninguém que se preocupasse com isso.

Como os conceitos não nascem no ar, mas se arraigam na experiência humana, na percepção, na imaginação, no sentimento, ninguém compreenderá uma só palavra do que diz um filósofo se não for capaz de apreender, para além do significado nominal dos conceitos, para além mesmo das idéias que eles designam, esse fundo de experiência viva que a linguagem transmutou nos signos mais ou menos estabilizados do vocabulário filosófico.¹

Isso é o mesmo que dizer que a mera inteligência raciocinante não basta para compreender uma filosofia, é preciso um esforço de imaginação, de empatia, para ver e sentir o mundo tal como apareceu aos olhos do filósofo. Isso não é possível sem uma *suspension of disbelief*, ao menos provisória, exatamente como na leitura das obras de ficção — isto é, sem uma abstenção temporária de toda a crítica e uma abertura da alma do leitor a um universo que pode lhe parecer estranho e inaceitável à primeira vista.

Sem esse esforço, você pode apreender as idéias do filósofo, mas não os objetos reais tal como apareceram a ele, portanto, também não o processo interior em que ele os transmutou em idéias — processo que é propriamente o que se chama filosofar. E se você não entende como um filósofo filosofa, nada mais apreenderá da sua filosofia senão um produto final exteriorizado, uma casca dura e morta, um estereótipo conservado em formol nesses museus da filosofia que são quase sempre os manuais escolares e as lições de filosofia nas nossas universidades. Dito de outro modo, você não compreenderá Platão se não for platônico ao menos durante um certo tempo, nem S. Tomás se não for tomista e nem Marx se não for marxista.

À medida que você amolda a sua imaginação a dos sucessivos filósofos que vai estudando, você abre novas janelas por onde o mundo lhe aparecerá sob aspectos diferentes, com frequência irreduzíveis e incompatíveis uns com os outros. Depois de alguns anos, a coleção dessas janelas forma-se o repertório de certezas e de dúvidas que se entrecruzam e das quais emergem aos poucos o seu próprio mundo filosófico. Só uma mentalidade muito tacanha se deixa impactar pela impressão de geral incongruência entre as doutrinas, ao ponto de acreditar que é preciso ou conciliá-las umas com as outras numa doutrina superior e abrangente, ou tomar partido de uma contra a outra (ou desistir de tudo), ou proclamando que a filosofia é o reino da discórdia interminável e sem proveito.

¹ Sem contar a diversidade de sentidos que há no próprio vocabulário filosófico.

Assim como um desenhista, para apreender a forma e o relevo de um objeto, tem de medi-lo desde vários ângulos, que jamais se fundirão num só, e articulá-los num cruzamento de perspectivas, onde cada uma conserva a sua individualidade irreduzível, assim também é da articulação de incongruências e de discordâncias irreduzíveis que nascerá aos poucos, na alma do aprendiz, a capacidade de tomar consciência do mundo e do seu próprio mundo numa visão integrada que não resolve as discordâncias, mas as revivencia como tensões inerentes à constituição mesma de toda a realidade.

O resultado a ser obtido do estudo e da prática da filosofia não é uma nova doutrina, muito menos uma exposição doutrinal, mas a capacidade intensificada de perceber o real como presença viva para além de todos os estereótipos doutrinários e de todas as crenças estabilizadas. Dessa percepção o novo filósofo, exatamente como os anteriores, e se chegar a tanto, só poderá expressar em linguagem doutrinal ou em qualquer outra linguagem uma fração ínfima, no fundo da qual aquilo que ele não pode dizer permanece vivo e latejante como uma fonte secreta que é, no fim das contas, a única razão para que alguém se interesse em ouvir o que ele diz.

Esta operação da qual estou falando não tem nada a ver com adivinhação ou chute, é uma coisa muito simples: qualquer frase que ouve no dia a dia, você consegue não só reportar às idéias, mas aos objetos aos quais a pessoa está se referindo. Se o indivíduo disser que ontem visitou fulano de tal, você não entende isso apenas como expressão do pensamento dele, mas como relação efetiva no espaço e no tempo com uma pessoa real, também conhecida por ele. Isso quer dizer que, se na leitura de livros de filosofia você não chegar a esse ponto, você não entendeu o que o sujeito está falando; pode ter captado a palavra, captou na palavra definições nominais e, nestas, as idéias — isto é, o que ele pensou —, mas, se não chegar aos objetos reais com os quais ele se relacionou e com os quais você pode se relacionar também, isso significa que você não entendeu o que lhe foi dito.

Por exemplo, a frase “Visitei fulano de tal ontem” é a mesma quando dita por uma pessoa real ou por um personagem de ficção num livro se referindo a outro personagem com o qual não se pode ter aquela relação real que você subentende quando uma pessoa real diz a mesma coisa. Isso quer dizer que na maior parte dos casos, e na melhor das hipóteses, as pessoas que estudam filosofia chegam até o entendimento do texto. Se vocês passaram na USP e estudaram o livro de Martial Guérout, *Descartes segundo a Ordem das Razões* – é uma das melhores exposições das idéias de Descartes e da sua estruturação interna –, porém, se você perguntar: essas coisas das quais Descartes fala existem? E eu posso ter com elas uma relação efetiva como Descartes teve, ao menos imaginativamente (Eu posso me imaginar e me transpor para aquelas situações, já que se eu não puder revivenciá-las fisicamente, por assim dizer)?

Se você não chegou neste ponto, então o que entendeu é apenas a filosofia pronta na sua estrutura, na sua ordem interna etc. Mas, se não sabe qual é exatamente a relação que existe entre essa filosofia e seus objetos – aqueles objetos de experiência dos quais o filósofo partiu – então você não sabe como o filósofo filosofou, isto é, como ele transformou esses objetos em idéias. Você não sabe como ele fez aquilo. Então é como um sujeito que sabe dirigir um carro, mas não tem a menor idéia de porque o carro funciona. Não conhece a mecânica do motor de explosão; sabe usar aquilo, mas não sabe com o que está lidando efetivamente.

Chegar a este ponto não é só o ideal no ensino de filosofia, mas acho que isto é que é obrigatório de se fazer. Se você está querendo formar filósofos, então não tem de ensinar a filosofia de Fulano ou Sicrano, mas tem de ensinar para eles como é que se faz. Você tem de dar o manual do usuário. O manual do usuário não é conhecer a filosofia de Descartes, mas saber como Descartes filosofou para produzi-la. Os livros não nasceram prontos afinal de contas. Nem mesmo as idéias nasceram prontas. Aquela exigência do método Paul Friedländer de remontar

desde a filosofia até a experiência real, é absolutamente obrigatória. Se não pode fazer isto por meios históricos, você tem de fazer pelo menos por meios imaginários, ou seja, aquela reconstituição conjectural como, por exemplo, fez o Mário Ferreira dos Santos da filosofia de Pitágoras. Ele diz, no livro *Pitágoras e o Tema do Número*, “eu não sei se o que eu estou conjecturando aqui corresponde ao que Pitágoras pensou historicamente, porque não há documentos, [0:10] não temos depoimentos sobre aquela época”. Ainda assim ele tenta fazer a reconstituição dessa experiência originária por meio da imaginação, então, é uma reconstituição conjectural. Quando não há meios, não há documentos, não há acesso para saber quais foram os objetos reais, quais foram as experiências reais e como o filósofo os transmutou em filosofia, você pode ainda assim tentar suprir a coisa por imaginação. É melhor do que ficar só no plano das idéias.

Mas veja, a perversão da filosofia ao longo do tempo chegou ao ponto em que, por exemplo, Michael Dummett, filósofo inglês, diz em seu livro que “a filosofia é para quem tem gosto pelo argumento abstrato”. O que é o argumento? O argumento é uma frase seguida de outras frases que a justificam, fundamentam-na e dizem por que você deveria aceitar aquilo como verdade. Se você falar de argumentos abstratos, estes, por definição, não apreendem nenhum objeto concreto – você está lidando com o assunto da abstração para cima e não para baixo. Não se está retornando aos objetos. Sempre que retornar aos objetos, verá que toda e qualquer argumentação abstrata é totalmente insuficiente para apreender a realidade.

Dizer que a filosofia é lidar com argumentos abstratos é a mesma coisa que dizer que o desenho é lidar com papel e lápis. Só com papel e lápis se faz desenho? Não, você precisa fazer desenho de alguma coisa. É preciso ter dentro de si uma paisagem, uma maçã, um elefante, ou qualquer outra coisa para desenhar. Ou então você precisa criar na sua imaginação uma figura que será um elemento do seu psiquismo antes de se tornar um desenho; e, sem apreender a relação entre o desenho e esses objetos originários, não se apreendeu absolutamente nada.

A filosofia não lida com argumentos abstratos, ela transmuta a experiência em conceitos abstratos e os elabora até certo ponto. Chegar a argumentar em favor disto é uma segunda etapa, a primeira é apreender da realidade a sua essência e a dos vários objetos, é você ter a definição das várias substâncias com que está lidando, e daí articulá-las numa visão coerente que pretenda representar o tecido de relações que se observa na realidade e que idealmente poderá ser verificada por outra pessoa. Qual é o sentido da argumentação se não existe a verificação fática?

Por exemplo, eu estava falando de Karl Marx. No primeiro capítulo de *O Capital* ele diz que não vai usar um método de indução, não vai colecionar um monte de fatos e tirar uma conclusão; vai partir de uma abstração, que é a definição que ele dá de mercadoria. Não é uma definição empírica, ele não tirou isso da observação de como as mercadorias existem e se produzem, mas é uma abstração inicial. Por exemplo, ele diz que a mercadoria é tal coisa, o valor é uma outra, e daí tira uma série de conclusões que se segue no resto do livro *O Capital* inteiro. E é claro que se você acompanhar o raciocínio dele, isso tem uma credibilidade tremenda. Só que ele não nos disse de onde tirou isso. Disse que foi uma abstração, que começa com ela. O que há por trás dessa abstração? Quais são os fatos reais?

Se você quiser investigar Karl Marx por esse lado, não encontrará isto nas suas obras. Você vai ter de investigar por si mesmo. Ou seja, ele não está facilitando o trabalho para você, que é justamente o de elucidar de que experiências aquilo proveio. Não obstante, ele pretende que aquilo que está expondo pode corresponder à realidade tal como observada. Acontece que ali você tem mais um pequeno problema. A partir da definição de valor e de mercadoria, Karl Marx

tira a noção da mais-valia, e esta, para ele, é a essência do capitalismo. Quer dizer, a exploração da mais-valia é o capitalismo, segundo ele.

Ninguém pode negar que a exploração da mais-valia existe. Se eu pago a um sujeito dois reais para ele fazer um copo, e em seguida eu vendo o mesmo copo por exatamente dois reais, este será o último copo que vou fabricar, evidentemente. Se não cobrar do freguês algo a mais que o meu empregado não vai receber, não haverá investimento, não haverá capital, e sem capital não tem indústria coisíssima nenhuma. É o caso de dizer: a mais-valia é inerente a toda a relação econômica. Isto no capitalismo, no socialismo, no feudalismo ou onde quer que seja. A mais-valia não caracteriza o capitalismo ou um determinado regime de apropriação das riquezas, ela caracteriza o fenômeno da produção em geral. Isto se aplica até ao produtor individual. Se eu gastei dois reais para fazer um copo e o vendo por dois reais, não ganhei nada. Então, ou a mais-valia terá de ser extraída do empregado ou do freguês. Alguém vai ter de criar a mais-valia, senão o processo econômico pára imediatamente. Então eu fiquei pensando: como que Marx conceberia uma economia desprovida de mais-valia? E procurei isso em suas obras. Não li a obra de Marx inteira, mas li uns trinta volumes e não encontrei. Pode ser que esteja em algum lugar escondido, mas garanto que não está entre os escritos mais conhecidos dele.

Agora, me explique como uma economia pode funcionar sem nenhuma mais-valia. Não pode. Então, em que o capitalismo se diferencia, segundo o seu critério, de qualquer outra formação econômica? Eu não sei. Você pode ver, por exemplo, que o capitalismo se distingue do feudalismo por um fenômeno que não tem nada da mais-valia, que é o tipo de riqueza que existe, que num caso é a propriedade da terra e no outro caso é a propriedade financeira. Mudou os tipos de propriedades, mas existia mais-valia no feudalismo como existe no capitalismo. E no socialismo, como é que vai ser? O governo que é o dono de tudo vai pagar para as pessoas exatamente o que ele vai cobrar do freguês quando ele vender? Bom, daí pára a indústria estatal; ela não vai poder funcionar.

Isso quer dizer que toda a filosofia de Karl Marx repousa num enigma. Pode ser que isso tenha solução ou não. Pode ser que ele tenha levantado essa pergunta ou não. É possível que ele tenha levantado e varrido para baixo do tapete, tudo é provável. Mas só sabemos isso se concordamos em raciocinar com ele como se as coisas que ele está falando tivessem uma raiz na realidade. Só depois é que você percebe que ele não o ajudou muito nisso porque ele não partiu de fatos, mas de uma definição abstrata, de um axioma por assim dizer. Então, quer dizer que a falta de base experimental se revela só depois que você entendeu a filosofia do autor como conjunto.

Essa absorção imaginativa que se pode completar com pesquisas históricas foi o que eu fiz quando fui pesquisar a respeito daqueles episódios dos sonhos (e, também outros episódios) na biografia do René Descartes, aos quais os próprios livros deste se referem. Quando ele fala do seu aprendizado com os jesuítas no colégio *La Flèche*, me pergunto que aprendizado é este? O que é que eles ensinavam lá? Se você não teve a menor curiosidade de saber isso, não vai entender a filosofia de Descartes, porque você não vai entender como que partindo daquela experiência ele elaborou sua própria filosofia em seguida. Ou seja, você nem verá a filosofia dele, só verá o texto pronto.

Então, cada referência de [0:20] realidade que tiver num texto, você tem de ir lá e investigar, e se não houver meios de investigar tem de tentar ao menos imaginar. Quando lê um texto de ficção, você imagina as cenas que estão sendo narradas – imagina visualmente, auditivamente ou de qualquer outra maneira –, se não imaginar nada, então aqueles personagens, para você, serão somente de papel, não corresponderão a emoções e situações humanas reais. E esta mesma operação é absolutamente necessária fazer nos livros de filosofia onde, é claro, isso é muito

mais difícil, porque raramente encontrará um filósofo que conte as origens das suas idéias, como por exemplo, o Nicolau Berdiaev na sua autobiografia espiritual, o Alain no livro que se chama *História das Minhas Idéias* – em que ele mostra de onde tirou suas idéias, que foi em parte pelo que leu, em parte de experiências reais, e assim por diante. Mas se procurar, por exemplo, qual é a origem das idéias de São Tomás de Aquino, não tem uma palavra sobre isso. Você que vai ter de investigar e conjecturar. Eu, por exemplo, conjecturei no livro *Filosofia e Seu Inverso* que a estrutura das Sumas – não do pensamento de São Tomás de Aquino em particular, mas das Sumas em geral – tinha sido copiada da estrutura das catedrais, ao contrário do que diz Panofsky, que sugere que a filosofia escolástica inspirou as catedrais, então, não é possível que as catedrais vieram antes. Então, é muito fácil de entender que se você vê uma figura, ela tem algum impacto estruturante sobre a sua mente. Como no budismo, a função daqueles mandalas, daquelas figuras circulares que representam de certo modo a totalidade, é de você ter, ao olhá-los, um modelo cósmico na cabeça. Isso vai influenciar a sua imaginação de alguma maneira. E aqueles camaradas, indo todos os dias naquelas catedrais e vendo aquelas estruturas, é impossível que eles não se inspirassem naquilo para tentar erguer uma estrutura de idéias e palavras tão perfeita e organizada como aquela. E é claro que à hora em que você entendeu isto, entendeu algo mais da filosofia de São Tomás.

Eu me lembro de uma vez que chegou o Antônio Donato para mim e falou: “Olha, os caras lêem São Tomás de Aquino, mas não entendem o seguinte: quando você terminou de ler é preciso que volte a olhar aquilo tudo junto, como se fosse uma coisa simultânea”. Quer dizer que aquilo que você for ler um atrás do outro agora precisa contemplar.” E nessa mesma época nós estávamos lendo Hugo de São Vítor, e havia um texto chamado *Pensar, Meditar e Contemplar*. Pensar é simplesmente transitar de uma idéia a outra. Meditar é rastrear uma idéia até a sua origem. E contemplar é olhar a articulação inteira das idéias e coisas, e só aí é que você chegou a entender. Ou seja, é necessário chegar na etapa da contemplação após ter estudado as obras do filósofo.

Então, nessa operação, aquilo que leu sucessivamente, mas que no texto estava impresso tudo ao mesmo tempo — pois quando você compra um livro não compra uma palavra de cada vez, elas vêm todas juntas —, quando vai ler você transforma esta simultaneidade espacial numa seqüência temporal da leitura. E depois tem de transformar de novo numa simultaneidade espacial para captar a estrutura daquilo, mas ainda é só a estrutura do texto. Depois você volta a meditar o texto rastreando exatamente o que eu estou dizendo aqui: a raiz daquelas idéias na experiência real, no mundo real. E depois de ter feito várias meditações desse tipo, você articula tudo e contempla o conjunto, e então podes dizer: “Ó raios! Agora entendi o que são Tomás estava querendo dizer.” Quando você entendeu não apenas o texto ou as idéias dele, mas o mundo dele.

Se o ensino da filosofia não força o indivíduo a chegar a esse ponto, não é ensino de filosofia, é apenas informação filosófica ou cultura filosófica. Ou seja, você pode conhecer algumas filosofias, mas não sabe como se faz, não sabe como elas foram feitas e muito menos você sabe como vai fazer a sua. Ainda existe outro detalhe, que é o fato de que essas várias visões que você vai adquirindo – supondo-se que fez essa operação com relação a cada filósofo que leu –, essas visões são incongruentes, elas não formam um sistema; nem mesmo se você tentar ordená-las historicamente, a simples seqüência temporal das filosofias não forma uma filosofia coerente. Ao contrário do que dizia Hegel, que a sua filosofia era idêntica à própria história da filosofia. Nós hoje sabemos que não é assim. Quanto mais se estuda a história da filosofia mais se vê que aparecem aqui e ali desenvolvimentos filosóficos totalmente independentes e inconexos, os quais você pode articular numa nova estrutura depois, mas que não estavam articulados na realidade.

Por exemplo, leia as obras do filósofo árabe Muhyiddin Ibn'Arabi e depois as de São Tomás de Aquino. Eles nunca ouviram falar um do outro, não há a menor conexão, mas você pode criar uma conexão a qual só existirá na sua cabeça, e não historicamente. Ou seja, essas várias visões são incongruentes, mas elas são como que janelas por onde você pode olhar o mundo. Ora, esses vários aspectos que são incongruentes existem de algum modo, a não ser que os filósofos estivessem completamente loucos; quer dizer, é possível sempre olhar as coisas como aquele filósofo olhou ou como aquele outro olhou, e esta incongruência acabará mostrando-lhe aspectos que existem na realidade e cuja vinculação você não tem. Isso quer dizer que a realidade começará a lhe aparecer como um conjunto de contradições, ou, mais propriamente, de tensões. Porque às vezes não se trata de uma contradição lógica formal, mas apenas de um desnível; alguém olhou a coisa de um certo plano, o outro olhou de outro plano, e você não sabe a articulação de tudo. Mas o fato é que este sistema de desníveis, de tensões, isto é a experiência da realidade tal como ela chega a nós.

Então, à medida em que você vai progredindo nisso, vai se intensificando a sua capacidade de percepção da realidade com toda a sua riqueza de tensões e contradições. Ora, sem a percepção das tensões e contradições, qualquer esforço de organização ou de articulação que faça é inútil e prematuro, porque é apenas articulação de idéias e não de realidades. Ou seja, quando a sua filosofia começa a se encher de substância real então ela não vai poder ter a coerência integral de um simples silogismo que você montou na sua cabeça; quer dizer, você está tentando “coerenciar” na máxima medida possível aquele conjunto de experiências vivenciais ou intelectuais que atravessou, e o seu sucesso nesse empreendimento é sempre parcial. Se não fosse parcial já existiria há muito tempo uma filosofia definitiva que responde a todas as outras, e isso, de fato, não existe.

O que é importante é que nesse processo você intensifica, potencializa a sua capacidade de percepção da realidade e de elaboração intelectual desta, e isto é exatamente o aprendizado da filosofia – isto, e não o conhecimento desta ou daquela filosofia em particular. Claro que você ter um resumo histórico do que Descartes, Leibniz, Espinoza etc., disseram, é importante, isso é cultura filosófica; mas, a mera transmissão de cultura filosófica não dará para você um treinamento filosófico essencial que é justamente a prática do filosofar. E o que é filosofar? É transmutar experiências vivenciais ou intelectuais em novas idéias, ao contato com as quais o leitor, ou o ouvinte, possa por sua vez refazer imaginativamente as mesmas experiências.

Esse foi o critério [0:30] que adotei aqui desde o início. Eu adotei, precisamente, porque não vi isso no ensino de nenhuma faculdade no Brasil, e mesmo nos EUA é muito raro. Há aqueles que o fazem, mas não é o caso. O Sir Dummett, por exemplo, acredita piamente que filosofia é para quem tem gosto pelo argumento abstrato. Ora, quem tem gosto pelo argumento abstrato estuda lógica ou matemática, filosofia não.

O estudo da lógica é totalmente independente de saber se as coisas que você está demonstrando existem ou não. A lógica é apenas a ciência da coerência interna dos discursos, não da sua referência interna a uma realidade. Se for falar de lógica material como falavam os antigos na Teoria do Conhecimento, aí a coisa toda muda, porque terá de levar em conta elementos da experiência, elementos psicológicos também. Terá de notar, por exemplo, que todo e qualquer organismo vivo, o ser humano também, não percebe tudo, percebe apenas uma parte. Ele não pode perceber o que aconteceu antes dele nascer. Desta parte que percebe, guarda na memória só uma, menor ainda. E dessa parte menor que ele guardou, se formam os objetos da sua experiência. É a transformação das coisas – coisas são aquilo que existe no mundo, com

você ou sem você – objeto, como diz a palavra, é aqui que está adiante “*ob-jecto*” (aquilo que está jogado adiante).

Uma coisa só se transforma num objeto através da operação da memória, por assim dizer. Por exemplo, quando você é um bebê, é incapaz de distinguir entre o dentro e o fora; tudo é um fluxo confuso de impressões. Aos poucos você vai objetivando as coisas e as transforma em objetos distintos, separados e pensáveis. Mas, à medida que se formam os objetos é preciso que se forme também outra coisa que é a imagem interna dos seus estados. Você não pode objetivar nada se não for capaz de distinguir entre objeto e você, ou seja, a sua experiência desse objeto. Ora, acontece o seguinte: o homem é o único bicho capaz de distinguir entre essas duas coisas, entre o objeto e o que ele sente com relação ao objeto. Por exemplo, um mesmo objeto pode ser vivenciado em instantes diversos com valores afetivos diferentes. Você gosta de uma coisa e pára de gostar dela, mas ela continua sendo a mesma; a objetividade dela continua intacta. Essa distinção só existe para o ser humano.

Veja quanta água teve de correr, sensações, tem a memória... Dentro da memória tem o trabalho da imaginação que modifica aqueles elementos — modifica para quê? Para compará-los uns com os outros – a memória por si não faz comparação. Existe dentro da memória uma parte ativa chamada imaginação (os gregos chamavam de fantasia) que modifica esses dados, para poder captar relações entre eles, relações possíveis ou impossíveis. Somente aí é que você tem os objetos, e é destes objetos que você, mais tarde, vai elaborar os conceitos e quando cria os objetos, automaticamente, tem de ter certa autoconsciência dos seus estados interiores.

Ora, essa transformação das coisas em objetos através da sensação, memória, imaginação etc., seria impossível sem um fator chamado linguagem, e a linguagem enche a nossa cabeça de signos. E o que são signos? São abreviaturas do pensamento, de modo que possa repensar a coisa sem precisar lembrar-se dela inteira. Você coloca apenas um sinal ou um nome e isto, para os fins do seu pensamento, é suficiente. Se cada vez que fosse pensar sobre as coisas tivesse de refazer a recordação inteira delas, não passaríamos do capítulo I — como os animais não passam. Então, graças à linguagem nós pensamos simultaneamente algumas imagens rodeadas de signos, que não invocam imediatamente as imagens, mas podem invocá-las se nós quisermos. O signo, neste sentido, é uma memória potencial.

A linguagem, por sua vez, não é um produto individual. Ela só existe na comunidade, e é a comunidade quem ensina a linguagem para você. Isso quer dizer que uma parte ínfima de todo este universo de experiência pode se condensar numa expressão linguística, e essa condensação não é fácil, porque pode ser que num certo instante a sua experiência ou a experiência de qualquer um seja mais rica do que o vocabulário disponível. Aos poucos, dos filósofos, dos poetas, você perceberá algumas coisas e vai registrá-las por escrito. Mas, por trás delas, existem muitas outras coisas que não foram ditas, mas que tinha de estar ali para que o pouco fosse dito. Isso quer dizer que, por trás do que está lendo, é preciso adivinhar o restante do mundo do filósofo, do poeta, para continuar entendendo. E quando a expressão é muito compacta como nos filósofos ditos pré-socráticos, então você tem uma vantagem e uma desvantagem: a desvantagem é que a expressão é sumária demais e não tem indicações precisas sobre quais são os objetos os quais o sujeito está se referindo, mas, por outro lado, por ser uma expressão sumária demais, você está livre para imaginá-los como os quiser. Isso quer dizer que quando nós estudamos/lemos, por exemplo, Eráclito ou Parmênides, o nosso trabalho de compreensão é noventa por cento imaginação e nós descobrimos antes as filosofias possíveis de Eráclito e Parmênides do que a sua filosofia historicamente existente, e não dará para passar disso. Isso quer dizer que cada um tem o seu Eráclito, tem o seu Parmênides, como conseguiu elaborar – e esta é uma operação perfeitamente legítima, desde que você não pretenda afirmar

que aquilo corresponde à realidade dos fatos históricos tal como aconteceram na existência daquele filósofo, mas apenas como uma possibilidade humana que aquele filósofo pode ter ilustrado.

Qualquer que seja o caso, aquilo que você imaginou estava naquele filósofo de maneira virtual. Não é o que ele pensou, mas o que poderia ou deveria ter pensado. Fez isso o Mário Ferreira dos Santos com Pitágoras: “Eu não sei como Pitágoras pensou, mas eu sei como deveria ter pensado para poder dizer o que disse”. Você está fundamentando Pitágoras; está dando mais razões para ele dizer o que disse. Sem esse exercício não é possível filosofia alguma. Ou seja, você terá não somente de refazer o mundo interior do filósofo, mas também, de algum modo, terá de reforçá-lo com sua própria experiência e, no fim das contas, você terá de argumentar a favor dele até o limite do possível. Esse limite (e isso aqui é fundamental) deve ser dado pela filosofia mesma, e não por você.

Qual é o ponto em que você diz: “Não posso mais acompanhar o argumento deste filósofo”? É quando se chega ao horizonte de consciência daquele filósofo. Quando vê algo que ele realmente não está vendo; não algo que ele não tenha mencionado em algum momento, mas algo que lida a obra inteira dele, ou a maior parte. [0:40] Você vê que ele realmente não enxerga, mas que deveria ter enxergado porque é uma parte fundamental do próprio argumento que ele está defendendo. Em Karl Marx, por exemplo, não encontrei nenhuma explicação do fenômeno da ideologia de classe; a explicação de como um indivíduo de uma classe pode “aderir” à ideologia de outra, ao ponto de o primeiro expositor da ideologia de classes ser um burguês? Se dissessem: “Não, é um milagre. Depois de milhares de proletários expostos à ideologia do proletariado, veio um burguês e a copiou”, isso seria possível, mas como foi possível o primeiro expositor da ideologia ser um burguês? Procurei a resposta em Karl Marx porque a pergunta ocorre imediatamente da própria filosofia dele; e não pode ter-lhe escapado isto, porque o burguês que estava escrevendo a respeito da ideologia proletária era ele mesmo, que convivia com militantes proletários no quadro da Primeira Internacional. Ele disputou a liderança com esses líderes proletários, os derrubou e tornou-se seu líder. Marx conhecia representantes do proletariado que, segundo ele, não os representava tão bem quanto ele. Claro que este problema está ali, mas você não encontra menção.

É como se fosse um escotoma, uma área cega. É um problema interno da filosofia, não uma coisa que você colocou de fora; não uma objeção que você colocou. Isso é muito importante. É preciso deixar que a filosofia fale até o fim e, se ela erra, ela tem de errar sozinha, não por sua conta. Este é o método que eu chamo de a Crença Metódica: você segue acreditando em tudo que o sujeito disse, e você faz um esforço não só para entender a coerência interna da filosofia dele, mas também para entender sua referência externa, o mundo em que o filósofo viveu.

Vamos voltar ao texto de Jean Brun.² É preciso lembrar que ele estava investigando, em quatro etapas, a evolução da noção de verdade. A verdade primeiro aparece no mundo grego como uma espécie de instância superior, quer dizer, o mundo superior da verdade ao qual se tem acesso mediante experiências interiores, experiências de tipo iniciático; ou seja, você é guiado por um mestre e, então, tem acesso a essa dimensão superior que está por trás de toda a experiência. Mais tarde, com Bacon e Descartes aparece outra noção da verdade, como uma instauração, como se fosse uma criação humana — é a criação do mundo das ciências. Com Hegel, aparece uma terceira noção, que é a de verdade sendo idêntica ao próprio processo temporal; a verdade está se revelando e se constituindo ao mesmo tempo, e a participação

² *Filosofia e Cristianismo*, fascículo IV - De Nietzsche em diante. Traduzido por Olavo de Carvalho para exclusivo uso em aula pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a divulgação por quaisquer meios. [N. T.]

humana nisso faz parte do processo de autorrevelação da verdade: à hora em que estou descobrindo a verdade, a verdade está se revelando em mim ou através de mim.

Ele dispõe assim as quatro etapas: a primeira etapa da verdade como uma descoberta, a segunda como uma instauração, a terceira como uma dinamização, e chegamos aqui na quarta etapa. Vamos a ela:

Essa dinamização da Verdade pelo saber do homem, que se identifica assim ao Absoluto em marcha na história, desemboca numa apologia do devir enquanto tal, liberado de todo sujeito e de toda referência a quaisquer balizas eternas.

‘De todo sujeito’, ele quer dizer o seguinte: não há um sujeito eterno, um Deus imutável e absoluto que esteja apenas se manifestando no curso do tempo para nós, como diz, tradicionalmente, a revelação cristã — existe um Deus eterno e dentro do quadro da onipotência; dentro do quadro das possibilidades infinitas desse Deus eterno, existe o mundo criado que se desenrola no tempo e no qual esse Deus revela-se parcialmente e também se manifesta – esta é a visão tradicional cristã. Para Hegel, isso não existe. Ele diz que o ser considerado na sua simplicidade inicial é idêntico ao nada, não existe; só passa a existir na sua manifestação temporal, quer dizer, acima do processo não há um sujeito, o sujeito é o próprio processo.

Protágoras havia proclamado que o homem era a medida de todas as coisas, entendendo por homem, o indivíduo; o século XIX retomou esse adágio por sua conta, mas tomando Homem no sentido de Humanidade ou de Sociedade. Eis que o século XX em vez de terminar se esforça para esvaziar a noção de homem e se empenha em mostrar que, para falar com propriedade, o homem enquanto tal não existe, pois ele não é senão uma parte ínfima da natureza, ao mesmo título que os animais, as plantas e as pedras.

Esta inserção do homem na noção de natureza, de certo modo, é contraditória com a própria possibilidade de fazê-lo. Para você chegar a fazer essa inserção, teria de ter criado por cima da sua experiência, memória, imaginação e do seu mundo de objetos, um macro objeto que você chama de natureza. Veja que natureza só existe para os seres humanos, a natureza não existe para os animais; para estes, existe apenas o seu mundo imediato, o seu *Umwelt*, como dizia o biólogo Jacob Uexkull. *Umwelt* quer dizer o mundo em torno. Para os animais, existe apenas o mundo em torno, não existe O mundo, muito menos a natureza compreendida como um sistema de leis e de relações que está por baixo de tudo. O homem é o único ser para o qual existe a natureza. Então, dizer que ele está dentro da natureza é só metade da verdade, porque ele está dentro da natureza e a natureza está dentro dele. A idéia mesmo de natureza foi uma criação dele.

Não existe uma explicação natural de como um tipo de ser como o homem chegou a fazer isso. Porque na hora que ele cria a noção de natureza, ele transcende todos os fatos e processos da natureza e os insere e os articula dentro de um conjunto de leis que está por cima e para além de toda natureza, já que governa ela inteira e não somente partes.

Daí, tira-se a indução de que, não havendo nem essência nem existência do homem, não há, em consequência, medida nenhuma.

Se o homem é a medida de todas as coisas, mas o homem é somente um bichinho dentro do Universo, então não há medida de coisa nenhuma.

Aí está o que se encontra no coração do pensamento de Nietzsche, com quem a Verdade parte à deriva como um barco bêbado arrebatado pelos refulgentes pandemônios dos continentes desatracados. Nietzsche, com efeito, denuncia todos os Aléns. (...)

Se tudo que existe é a natureza, não há nada para além dela. Note que esse conceito é autocontraditório, porque o próprio conceito de natureza está para além da natureza. Se não há nada para além, também não existe natureza. Se há somente os fatos físicos considerados em si mesmos, só podemos falar de acontecimentos e processos parcelares e não de uma coisa chamada natureza. Claro que Nietzsche não percebeu isso.

(...) ele canta a “inocência do devir”, quebra as tábuas de valores e aspira a situar-se “para além do Bem e do Mal”. Não é mais a Verdade que está em marcha, como em Hegel, é a marcha que é a verdade, mas uma marcha em estado puro que recusa toda idéia [0:50] de meta e de sentido(...)

E para haver uma meta e um sentido tem de haver um sujeito inicial. Se não há sujeito inicial, há somente o processo considerado em si mesmo, então falar de meta não faz mais sentido. Não existe meta nem caminho, estamos apenas andando, não sabemos para onde; não há caminho nenhum. É como o Hai-Kai do Fernando Machado: “*Caminante/ no hay camino / se hace camino al andar*”. Ele está expressando uma experiência do tipo nietzschiana, evidentemente. É como estar num deserto onde não há nenhum caminho marcado, não há direções a seguir, mas por onde você andar marcará alguma coisa no caminho, mas foi você que inventou esse caminho.

Tirando o véu que lhe ocultava a Verdade, o homem tinha acreditado contemplar-se a si mesmo; eis que ele agora afirma que não há nada por trás desse véu e que o único erro é crer que exista uma verdade. Somos, portanto, convidados a nos entregar ao acaso, a aprender a beber em todos os copos, para fazer da nossa vida um instrumento de conhecimento.

Significa que o único conhecimento que existe é o conhecimento que está se processando, mas que não vai levar a parte alguma e do qual você não vai poder tirar conclusão alguma.

A instauração kantiana da verdade vinha de par com a regionalização desta última (...)

Lembremos que Kant diz que só podemos conhecer esta parte da verdade e o restante nos é inacessível, ele cria um limite. Isso que Jean Brun está chamando de regionalização significa que a verdade já não está em aberto para ser alcançada. Ela está delimitada por uma espécie de mapa dos poderes cognitivos humanos que não podem ser transcendidos. Portanto, somente o que está dentro deste mapa, tal como Kant o compreendeu, pode ser objeto de verdade o restante pode ser objeto de pensamento, mas não de conhecimento, podemos pensar, mas não podemos conhecer.

(...) desta última reservava para a coisa em si um domínio incognoscível.

Ou seja, nós só conhecemos o mundo das aparências sem saber que esses fenômenos aparentes correspondem a um ser ou substância por trás.

Hegel havia colocado essa coisa em si em marcha no tempo, havia feito dela o devir de si mesma e a havia apresentado como resultado.

Hegel tem aquela famosa fórmula de que a essência de uma coisa é aquilo que ela se torna. Então, a verdade só existe como resultado final, não existe uma verdade originária.

Nietzsche vai contra a idéia de que possa haver um sujeito, mesmo que fosse em devir, ou um liame de causalidade que permitisse distinguir coisas causas e coisas feitos; quaisquer que

sejam, todas as nossas considerações sobre a verdade não são senão fábulas forjadas por uma cabeça humana.

O anti-humanismo de Nietzsche arraiga-se na convicção de que há nisso uma “ingenuidade hiperbólica” do homem que o impele a hipostasiar³ em valores transcendentais, perspectivas da utilidade ou do ressentimento.”

Movidos pelo desejo de alcançar algum benefício ou movidos pelo ressentimento contra alguma coisa, nós criamos noções de verdade e as hipostasiamos, as transformamos em valores superiores e transcendentais. Nietzsche reduz, assim, toda filosofia ao próprio filosofar. Não há mais nada além disso. O processo interior pelo qual o indivíduo concluiu tal ou qual coisa, seria a realidade e não o que ele disse. Por assim dizer, Nietzsche “psicologiza” toda a filosofia. Para ele a filosofia não passa de um fenômeno psicológico que se desenrolou na mente deste, daquele ou daquele outro. É claro que toda filosofia é, também, um fenômeno psicológico. A filosofia de Spinoza se passou na cabeça de Spinoza. O que nós temos que observar é que se a filosofia pudesse ser explicada totalmente pela psicologia do filósofo em si mesma, então não precisaria haver os objetos dos quais ele trata. Podemos dizer que os processos psicológicos são independentes de quaisquer objetos exteriores.

Não há nem meta, nem unidade, nem verdade da existência, de modo que aquilo que chamamos verdade não é senão uma escapatória, um erro, ou antes, constitui o erro por excelência: ‘Fomos nós que criamos um mundo provido de um valor!’. Uma vez conhecido isso, reconhecemos também que o respeito à verdade é a consequência de uma ilusão e que é preciso avaliar mais alto a força plástica simplificadora, construção inventiva. Tudo é falso. Tudo é permitido.

Quer dizer, é uma coleção de falsidades! Pergunto: se você reconhecer o conjunto desses pensamentos humanos como uma coleção de falsidades, não subentende que se colocou num patamar mais alto que, por sua vez, não é falsidade; e esse patamar teria a presunção, então, de ser verdade? Como um aluno certa vez colocou: “O professor disse que não existe verdade”. E, ao mesmo tempo: “Professor, mas isto é verdade?”, quer dizer, se entra num curto-circuito.

A dinamização hegeliana da verdade terminou por desembocar na desintegração da verdade. O “Grande Desejo” cantado por Zarathustra triunfa nesse desnorteamento que vagabundeia no seio da aparência curativa do ser. Essa aparência não é o contrário da realidade, ela é a realidade mesma, pois tudo se reduz a traços coreográficos deixados pela vida que dança como os elfos ou como um fogo fátuo.

Ou seja, nós vivemos num mundo de impressões e isso é tudo que existe. Não há nada por baixo delas.

Essa desagregação da verdade, essa denúncia contra o ser, o sujeito, o caminho, a meta, opera a desancoragem do homem. A dor de não encontrar morada nesta Terra quis superar-se no ataque à idéia mesma de morada e numa exploração de todos os abismos, bem como de todos os cumes, dominada por um sim incondicional.

Esta é a ética de Nietzsche: vivemos no mundo das impressões e elas não levam à parte alguma, mas temos de aceitar esse conjunto, porque isso é a nossa verdadeira vida. Eu aceito a situação, o total desvirtuamento, a inexistência de verdade. Mas é claro que cada uma dessas “teses” de Nietzsche contém, cada uma, a sua própria negação. Mas se eu aceito, eu aceitei mesmo? Se eu

³ Quer dizer, transformar numa pessoa, numa entidade

aceitei mesmo, tenho aí um ponto arquimédico. A minha aceitação passa a assumir o contexto dessa filosofia a função que tinha o Cogito Cartesiano. É minha primeira certeza.

Eis por que Nietzsche vaticina: “Esgotai o suco das situações e dos acasos, e depois passai a outros! Não basta ser um só homem, se bem que seja um começo necessário. Isso seria exortar-vos a que vos limitásseis! Mas passar de uma individualidade a outra e atravessar as existências inumeráveis de uma multidão de seres!”

Em cada linha de Nietzsche você encontra um problema. O problema é o seguinte: como eu vou distinguir um ser do outro? E essa distinção, por sua vez, é verdadeira ou falsa? Se eu vou me transformar de um indivíduo no outro, eu guardo memória daquele anterior ou então não me transformei em nada. E se eu guardo memória é porque já integrei aquele no meu ser atual.

O Grande Desejo já se chamava entre os gregos Eros, Ephesis, Orexis. Todavia, entre eles, ele aspirava a desvelar a Verdade oculta com a qual o homem desejaria fazer-se um. Em Nietzsche, esse desejo se toma a si mesmo por objeto, quer ultrapassar todas as transcendências que pudessem limitá-lo, a fim de se tornar o argonauta do além de todas as terras, o explorador do Alhures de todos os alhures. Não se trata mais, portanto, de desvelar a verdade, nem de instaurá-la, nem de dinamizá-la; trata-se de liberar-se [1:00] dela, e é bem notável que essa liberação venha junto com uma desagregação do sujeito.

É evidente que todas estas afirmações de Nietzsche só valem na clave imperativa – são ordens que ele está dando. Portanto, elas não têm outro alcance senão aquele que lhes será dado por aquele que obedece à instrução. Nietzsche não está dizendo como as coisas são, está dizendo algo que ele próprio quer, e que sugere que você deveria querer também. É por isso que não se pode falar de uma verdade ou falsidade da filosofia de Nietzsche. Ela toda está na clave imperativa, é uma ordem – ordem não no sentido de organização, mas no sentido de mandamento, comando. Ela é um comando. E um comando, em si mesmo, não é verdadeiro nem falso, ou seja, Nietzsche cria um gênero literário próprio a veicular a própria experiência da ausência da verdade que ele está tentando reproduzir de algum modo.

A inexistência da verdade não pode ser afirmada na clave “nominativa”, para usar as funções da linguagem do Karl Bühler. Função nominativa é aquela que fala dos objetos, das coisas, das situações. Existe em seguida a clave expressiva, que é aquela com a qual você manifesta os seus estados interiores. E a clave apelativa, com a qual você dirige ao seu ouvinte ou leitor um pedido ou um comando. É curioso – e não é possível que eu seja o primeiro a notar isso – mas toda a obra de Nietzsche está na clave apelativa! Toda ela é uma sucessão de vozes de comando, e não de afirmações sobre a realidade. Qualquer afirmação sobre a realidade seria incongruente com a afirmação de que não existe verdade nenhuma. E neste sentido, a obra de Nietzsche escapa completamente ao reino da filosofia, vira uma outra coisa. É como se fosse um conjunto de mandamentos religiosos. Ela é uma moral, por assim dizer. Mas é uma moral que não tem a sua auto-justificação; só tem as vozes de comando. Mesmo quando Nietzsche parece estar falando de alguma coisa, está dando uma voz de comando.

Não se trata mais, portanto, de desvelar a verdade, nem de instaurá-la, nem de dinamizá-la; trata-se de liberar-se dela, e é bem notável que essa liberação venha junto com uma desagregação do sujeito.

Sim, como é que se faz a desagregação do sujeito? Nietzsche está mandando você ser outro, e depois outro, e depois outro... Portanto não há unidade do sujeito. Qualquer pessoa pode se entregar a essa experiência. Com isso ela não vai eliminar o seu sujeito substancial e nem a unidade do seu ser físico, mas subjetivamente vai se vivenciar como se fosse outras pessoas

realmente. Ou seja, para ela não há uma unidade da sua pessoa, há apenas a sucessão de personagens que ela foi vivendo. Só que quem está de fora sabe que esses vários personagens são você mesmo. É que nem um filho de um amigo meu, Antônio Santana. O filho dele, cada vez que você chegava lá, era um personagem diferente: “Hoje eu sou o Batman, hoje eu sou o Super-Homem, hoje eu sou não sei o quê...” Cada vez tinha uma personalidade diferente.

Com Nietzsche, não há mais substância nem sujeito que permaneça ou que marche; não há senão a Marcha que, ao focalizar-se num ponto, faz surgir o sujeito enquanto acidente momentâneo dessa marcha fechada sobre ela mesma no Eterno Retorno como imagem-clarão jorrada do fluxo eterno.

Ou seja, não há sequer um eu substancial que se transforme em outros. Só o que existe é a transformação que vai criando aquelas suas estabilizações momentâneas que são os personagens que você está vivendo. Mas isto serve como descrição da experiência? Não, mas isto revela uma experiência possível que você pode tentar.

O niilismo ativo enaltece o Grande Desejo do homem, fazendo explodir este último no Desejo mesmo.

Afirmou-se com frequência que o pensamento de Nietzsche marcava o fim da filosofia, e que ele mesmo via na sua obra aquilo que separaria dois milênios. Se querem entender por isso que, cronologicamente falando, Nietzsche constitui o último filósofo e que, depois dele, não poderia mais haver reflexão filosófica, encontramos-nos em presença de uma afirmação tão gratuita quanto aquela que pretendesse que Schoenberg colocou um ponto final na história da música. Mas, se se trata de entender que, na eternidade do filosofar, Nietzsche representa um ponto de desembocadura do Grande Desejo que assombra os subterrâneos da história e que, no curso dos séculos, aflorou à superfície do tempo como *acesso à verdade, instauração, dinamização* e depois *desagregação* desta última, – então é bem possível que nos encontremos em presença de uma afirmação extremamente profunda.

Mas note bem, isto é realmente assim? Eu não sei. Por quê? Porque essa sucessão de noções da verdade, tal como Jean Brun a descreve, é somente uma perspectiva sobre a história da filosofia, ela não é a história da filosofia enquanto tal. Ela não esgota o número de perspectivas, ou seja, você pode contar a história da filosofia de outras maneiras também. Mas, visto dessa maneira, de fato Nietzsche representa um ponto de desembocadura; este ou aquele processo, tal como veio se desenrolando, devia dar nisso.

A tese que está por trás de tudo isso no fim das contas – que o Jean Brun vai expor mais adiante – é de que toda a história da filosofia revela uma sucessão de esforços de auto-salvação humana, de encontrar uma solução humana para os males humanos. Mas essas soluções, cada uma delas, cria novos problemas e [mais] novos problemas, e não saímos, por assim dizer, deste vale de lágrimas. De modo que, segundo Jean Brun, falta a todo o desenvolvimento da história da filosofia a dimensão extra-humana. Nesse sentido, Nietzsche tem razão: tudo o que os filósofos falaram foram apenas pensamentos humanos – que, aqui e ali, têm uma abertura para algo que é trans-humano, por assim dizer.

Mas Jean Brun, aqui, está se inserindo numa tradição onde estariam, por exemplo, *Léon Chestov*, *Petre Tsutsea*, filósofo romeno, onde só o cristianismo tem algo a ver com a realidade, o resto são tudo pensamentos.

Essa afirmação consistiria em reconhecer que, em Nietzsche, o Grande Desejo explodiu numa luz eneguedora com a qual ele não faz senão um.⁴ A invocação exacerbada do Super-Homem, a desagregação do sujeito, a eliminação de todo *Além* e da idéia mesma de verdade, em proveito de um Aparecer que se auto-engendra⁵ testemunha, no mais alto grau, a tentativa do homem de se curar de si mesmo e do mundo, para arrancar-se à sua condição, vivenciada como um gueto.

Então, a destruição de toda a verdade, de todos os parâmetros, e a total aceitação, a total abertura do homem para esse “Aparecer que se auto-engendra” e que não significa absolutamente nada, isto libertaria o homem da sua prisão espacial e temporal. Mas isso é a mesma coisa que você se libertar de uma prisão se suicidando.

Todavia, convém sublinhar que o empreendimento de Nietzsche implica um desespero profundo e um dilaceramento que ele acreditou poder esquecer mediante o mergulho nos abismos. Nietzsche foi, com efeito, um pensador trágico cujo grito ‘Deus está morto’, pronunciado [1:10] pelo insensato na *Gaia Ciência*, permanece, ao mesmo tempo e indissolivelmente, um grito de libertação e um grito de aflição. Que fizemos, pergunta-se ele, ao destacar a Terra do Sol? Não vamos vagando através dum Nada infinito?

Ou seja, o homem que se liberta da prisão do ser, julgando-se no Nada, ele evidentemente cessou de existir; então, isso só é uma libertação no sentido literário da coisa.

Nietzsche foi o Grande Doente, não no sentido médico do termo, como pretendem aqueles que querem explicar uma obra a partir de dados biográficos,⁶ mas porque ele encarnou a Paixão do homem entregue ao ‘sopro gelado do apenas-viver’, paixão que talvez ele mais cantou do que analisou.

Isto é importante. A obra inteira de Nietzsche, para usar uma expressão de Benedetto Croce: é uma “expressão de impressões”, são coisas que ele vivenciou e que ele expressa. É poesia no seu sentido mais estrito. Não é uma filosofia! De jeito nenhum. É uma poesia filosófica – que toca em assuntos filosóficos. Mas, uma filosofia tem de se expor na chave denominativa, pois ela se refere a algo. Se você suprime o algo, sobrou somente o quê? O seu estado interior. E a expressão do seu estado interior é poesia. E esta expressão, por sua vez, não pode ser discutida na chave da veracidade, que ele próprio já aboliu.

Então, tudo que nós estamos lendo de Nietzsche, é o que ele sentiu, imaginou ou quis. E diante disso não cabe discutir, cabe apenas você interessar-se ou desinteressar-se, como um poema.

Esse Grande Errante, como ele se chamava a si próprio, sem pátria, confessando que ele tinha saudades do solo natal sem ter solo natal, não cessou de gritar: ‘Onde está minha morada?’⁷ Não podendo encontrar resposta que viesse dele mesmo, Nietzsche esmerou-se em dissolver desesperadamente o sujeito responsável pela questão, em exorcizar a idéia mesma de morada e em conferir aos jogos dionisiacos do Aparecer as dimensões do Além.

Todavia, a nostalgia da Transcendência encontra-se presente por toda parte na obra de Nietzsche. Desde logo, como o notava Lou Salomé,⁸ ele estava incessantemente em busca de um *Ersatz*⁹ daquele Deus cuja morte ele havia proclamado; Dionisos, o Super-Homem e seu profeta

⁴ Ou seja, ele é a sua própria luz eneguedora.

⁵ Essa é a definição da filosofia de Nietzsche: um “Aparecer que se auto-engendra”.

⁶ Como, aliás, o próprio Nietzsche.

⁷ Mas ele mesmo estava dizendo que não existe morada.

⁸ Lou Salomé era uma grande amiga dele. Não sei se foi amante também...

⁹ *Ersatz* é um sucedâneo, um substitutivo inferior.

Zaratustra nasceram dessa busca.¹⁰ Em seguida, ele confessava cheio de tristeza, 'É uma pena que Deus não existe, pelo menos alguém me compreenderia', confissão feita por um homem que confiava a Lou [Salomé]: 'Quero tornar-me de novo um ser humano. Ah, está aí uma tarefa na qual tenho tudo a aprender.'

Enfim, se Nietzsche conferiu ao Eterno Retorno uma vocação escatológica ao elevá-lo ao grau de um Além aberto à peregrinação combinatória, ele, que não estava menos em guerra contra 'os professores de objetivo', proferia uma outra confissão: 'Não perco a esperança de algum dia descobrir o buraco que leve a alguma coisa.'

Ou seja, em todo o mundo constituído desse aparecer que se constitui e se desconstitui a si mesmo deve haver um buraco que leve a um ponto fixo: o ser.

Assim, Nietzsche, o filósofo esmagador, foi ele mesmo um filósofo esmagado. Não havia ele próprio dito e previsto que desapareceria numa tempestade enigmática ou seria ao mesmo tempo o raio e a árvore fulminada? Nietzsche é a imagem mesma do homem que se quebrou contra o portal que ele era para si mesmo. A quebra e desabamento de Nietzsche não são de ordem estritamente somática; eles exprimem o aniquilamento do homem que se quis apoiar em si mesmo para se ultrapassar e que, após ter denunciado a idéia da Verdade, se encontrou solitário na câmara central do labirinto, face a face com um monstro que não era senão ele mesmo e com o qual ele se perdeu na noite.

Então, você tem aqui uma epopéia poética de uma alma, e não propriamente uma filosofia. Os seus leitores podem transformá-la numa filosofia quando a traduzem indevidamente para a clave nominativa. Mas, note bem, transposta para a clave nominativa, cada sentença de Nietzsche é auto-contraditória, cada uma se nega a si mesma, não tem nenhuma que escape. Por exemplo, se ele diz: "...É uma pena que Deus não exista, pelo menos alguém me compreenderia", ele está supondo que exista alguém acima dele capaz de compreendê-lo melhor do que ele mesmo. E de onde ele tirou essa idéia? Se ele acabou de negar todos os aléns nesse mesmo instante; ele está falando de um além hipotético que ele não cessa de buscar. Por que você está buscando aquilo que está para além, se você mesmo diz que é preciso mergulhar no aparecer e permanecer lá dentro? São expressões contraditórias – e por isso mesmo, profundamente tocantes – do estado de uma alma. E porque a obra dele é assim, ele entendia as obras dos outros exatamente assim, como se fossem apenas expressões de estado de alma e não de uma relação objetiva, porque tudo que os filósofos dizem não expressa somente o que eles estão pensando, mas uma relação com objetos que existem fora deles e com os quais nós também podemos nos relacionar. Nietzsche suprime os objetos, e sobra o quê? Toda a filosofia como pura auto-expressão. Mas por quê? Porque a dele é auto-expressão, e ele, evidentemente, entendia a dos outros como entendia a si mesmo.

Antes de responder às perguntas, eu queria dar um aviso, que é o seguinte: no chat não aceitaremos mais pseudônimos. Por favor, os que estão usando pseudônimos mudem para os seus nomes reais inteiros. Quem quer que entre com pseudônimo, a partir da próxima aula será banido do chat e do curso. Porque há pessoas que estão entrando com pseudônimo e colocando umas mensagens ofensivas que só servem para nos distrair e perder tempo. Nós não queremos isso. Então, por favor, modifiquem os que estão com pseudônimos, porque qualquer pseudônimo que apareça a partir da próxima aula, eu repito, o sujeito será banido do chat e do curso. Aliás, é incrível, as pessoas que usam pseudônimos em qualquer exposição pública não estão sequer à altura da cidadania, porque a Constituição brasileira veda o anonimato, que é abundantemente exercido na internet e agora até neste chat. O sujeito que não é capaz de

¹⁰ Quer dizer, ele vai inventando deuses.

assinar as suas opiniões com o seu próprio nome não está à altura de exercer sequer a cidadania, quanto mais de ser aluno deste curso!

Aluno: Pode-se estudar seriamente uma obra tendo em mente que tudo que o sujeito escreveu é uma projeção dele mesmo?

Olavo: A resposta é sim, porque isso é exatamente toda a poesia universal. Esta não visa a dizer verdades objetivas sobre o mundo real, [1:20] mas a expressar uma experiência que é necessariamente individual, limitada e totalmente subjetiva. Mas se não fossem essas impressões nós simplesmente não conheceríamos a alma humana. Então elas são um vasto documento da experiência subjetiva humana por toda a parte e em todas as épocas, e ler isso é importante para você saber quais são as possibilidades humanas.

Tudo aquilo que está em Nietzsche, milhões de pessoas vivenciaram. E é importante que você conheça esse tipo de experiência e esse tipo de sentimento, pois ele faz parte do tecido da nossa vida, faz parte da nossa civilização. Nós temos de conhecer isso aí. Além do mais, a expressão poética é uma coisa extremamente difícil, porque esses estados interiores humanos são evanescentes, e se não forem fixados em palavras você nunca vai conhecê-los. O fato, por exemplo, de muitas sentenças de Nietzsche serem auto-contraditórias é porque o sentimento que elas expressam é assim. Muitos dos nossos sentimentos são auto-contraditórios, são misturas de sentimentos incompatíveis.

Mas, tudo aquilo que não é expresso em palavras exerce sobre nós uma espécie de poder misterioso. Na hora em que você expressa, objetiva-se aquilo de algum modo, então se passa a ter um certo domínio cognitivo da coisa. Aquilo deixa de ser um estado compulsivo que manipula você pelas costas, e passa a ser um símbolo que pode ser integrado dentro da sua concepção do mundo, do seu entendimento das coisas etc., etc. E é por isso mesmo que, na ordem das civilizações, a expressão poética sempre vem primeiro. Vocês não podem esquecer de que até os primeiros filósofos expressavam-se em formas poéticas. Por quê? Porque não tinham ainda a consciência diferenciada o suficiente para poderem falar daquilo em linguagem dialética ou lógica. Eles tinham apenas aquelas impressões compactas. Mas, se você não é capaz nem de expressar a impressão compacta, como é que vai raciocinar a respeito?

Então, esse tipo de obra teve uma importância extraordinária. Eu, pela minha experiência, até onde eu sei – eu não li a obra inteira de Nietzsche, mas li bastante coisa –, eu nunca encontrei lá uma frase que não fosse de algum modo auto-contraditória e que não tivesse dentro dela essa tensão característica da linguagem poética. Mas se você quer transferir aquilo para a chave denominativa, então acontecerá o que aconteceu com Eugen Fink. Fink era o assistente de Edmund Husserl; ele fez um livro tentando expor a filosofia de Nietzsche, e encontrou ali dentro cinco filosofias diferentes. Se tem cinco filosofias diferentes, não tem nenhuma, o que tem é a expressão de um estado interior muito complexo onde entram elementos das várias filosofias, das tradições filosóficas.

Aluno: Estou na aula setenta e cinco onde o senhor diz que o Maquiavel era um derrotado, que só percebia causas perdidas. Nunca o vi assim visto que ele apoiava a monarquia, a qual na época estava firme e forte.

Olavo: Não, ele não apoiava a monarquia. Ele apoiou políticos pretendentes à monarquia e apoiou políticos pretendentes ao governo republicano, e perdeu sempre nos dois casos. De fato a monarquia estava firme e forte em toda a Europa, e ela não estava em questão. O que estava em questão era quem seria o governante; quer dizer, a disputa entre as várias facções e

partidos. Neste sentido, Maquiavel sempre e sistematicamente apoiou o partido que perdeu. Não haveria desonra nenhuma nisso se ele tivesse tomado partido desses camaradas em função de valores morais. Por exemplo, você apóia uma causa monarquista contra uma causa republicana, porque você acha que o candidato a rei é um sujeito mais decente do que o adepto da república. Nesse caso, em você perder não há desonra nenhuma. Mas, se pretende ser o grande técnico do poder, o homem que ensina como se conquista o poder, e ao mesmo tempo você sempre aposta em quem perdeu, então alguma coisa está errada na sua técnica.

Aluno: Eu sei que esse assunto não tem nada a ver com a aula de hoje, mas acredito que ele sempre é pertinente aos nossos estudos, e como é um assunto que me chama muita atenção penso em dedicar meu trabalho de conclusão de curso ao mesmo. Gostaria que me indicasse obras sobre a KGB e o GRU. Por enquanto só adquiri e li algumas obras de ex-oficiais como Viktor Suvorov, Alexei Miakov e Stanislav Levchenko. Também li os livros A Era dos Assassinos, The Sword and the Shield e The KGB and the Soviet Disinformation. Estou à procura do livro The Venona Secrets, mas está difícil encontrar. (...)

Olavo: Você encontra isso facilmente no *bookfinder*. Se não encontrar de jeito nenhum, volte a me escrever que eu compro um e mando para você.

Aluno: (...) Os três últimos foram indicados pelo senhor em programas e outras atividades como o Mídia Sem Máscara na TV e o True Outspeak. Quais títulos mais o senhor poderia me indicar sobre a KGB e o GRU?

Olavo: Há dois livros absolutamente indispensáveis que saíram recentemente: um é o da Diana West, que se chama *American Betrayal* (Traição Americana), que é a história da atuação da KGB nos Estados Unidos, e o livro *Desinfomation*, do general Ion Mihai Pacepa, que foi o chefe do serviço secreto romeno no tempo do Nicolae Ceaușescu, e que tem informações incríveis, sobretudo a respeito do Oriente Médio; porque para lidar com os países do terceiro mundo a KGB não atuava diretamente, ela usava os serviços secretos dos países satélites.

Por exemplo, no Brasil era a Tchecoslováquia, e o tcheco chefe da inteligência soviética no Brasil era o Ladislav Bittman, e, para esse mundo árabe, era a Romênia. O Pacepa foi quem criou a figura do Yasser Arafat. Yasser Arafat era um aluno dele. Então, eu acho esse livro o mais indispensável que existe sobre o assunto, entre outras coisas para dar uma perspectiva correta do que é desinformação, porque hoje em dia no Brasil qualquer coisa que se fale e que alguém ache ser errado, dizem: “isso é desinformação!”. Esse uso da palavra é um uso desinformático, por assim dizer, porque desinformação não é falsa informação. Para usar um exemplo dado pelo próprio Pacepa: se o *Pravda* publica uma acusação falsa contra o governo americano isso não é desinformação de jeito nenhum, isso é apenas falsa informação. Do mesmo modo, se o *The New York Times* publica alguma coisa contra a União Soviética que não corresponde aos fatos, não é desinformação, é falsa informação.

A desinformação começa quando não é o inimigo que mente contra você, é quando o inimigo mobilizou um amigo seu para mentir contra você. Então, desinformação só é possível nos casos em que o agente de desinformação tem acesso aos canais de informação e de comunicação do país inimigo, o que acontece nos Estados Unidos e não acontece na União Soviética. Isso quer dizer o seguinte: somente a União Soviética tinha condições de promover desinformação nos Estados Unidos. Os Estados Unidos não tinham o menor meio de produzir desinformação na União Soviética porque todos os meios de comunicação e de informação estavam na mão do governo. Então não havia jeito de os Estados Unidos “plantarem” uma notícia falsa no *Pravda*.

Então, isso quer dizer que no mundo só os países comunistas praticam desinformação. Isto é básico! Não há desinformação no ocidente a não ser a desinformação que eles mesmos fazem. Veja que na União Soviética a desinformação era considerada uma ciência! Mentir, fazer falsa informação, colocar uma lenda urbana no ar como se fosse verdade, isto tudo qualquer jornalista pode fazer. Isto é fácil. A desinformação supõe que você tenha um poder de ação sobre os meios de comunicação do seu inimigo, o que só é possível mediante infiltração, que só é possível numa democracia. Num regime totalitário você não tem como infiltrar alguém. Vamos supor uma coisa absurda: os Estados Unidos conseguiram infiltrar um sujeito no comitê central ou na KGB. Ele está correndo risco de morte o tempo todo. E mesmo assim, seria apenas um. Agora você imagina o seguinte, eu pensava que havia setecentos mil funcionários na União Soviética, mas era um milhão, e vários milhões espalhados no ocidente, todos eles dedicados à desinformação. O pessoal pensa que a função do serviço secreto é a [1:30] espionagem. A espionagem é um por cento da atividade do serviço secreto. Noventa e nove por cento é desinformação ou agentes de influência.

A desinformação atua num sentido negativo contra o país inimigo desde dentro, por definição, e os agentes de influência são pessoas bem colocadas nos postos, pessoas de confiança do inimigo que o induzem a decisões que são desfavoráveis a ele mesmo. A confiabilidade da fonte para a vítima é a condição essencial da desinformação. Então, a partir da hora que você tem esse critério, poderá avaliar uma coisa que, quando a gente diz, as pessoas acham que é loucura, porque parece exagero: a KGB moldou a opinião pública americana nos últimos 50 ou 40 anos. Isso quer dizer que as crenças básicas são aqueles elementos da propaganda comunista que foram enxertados na cultura americana por agentes da KGB cinquenta anos atrás.

Por exemplo, todas as concepções raciais que existem atualmente foram criadas pela KGB. Quando o pessoal achou que tinha obrigação de votar no Barack Obama por ser preto, isso levou quarenta anos para se disseminar, e não foi o *Pravda* que fez isso. Quem fez isso foi gente da KGB, sobretudo no *New York Times*. No Brasil as pessoas são tão ingênuas que elas ainda acreditam que o *New York Times* é um jornal pró-americano. Não é! O *New York Times* é um jornal quase que 100% manipulado pela KGB. Se não tiver 80 elementos da KGB atuando ainda hoje, é pouco. É importante saber isso. Só que essas coisas só aparecem 50 anos depois. Como é que a gente fica sabendo disso? Bom, agora a gente sabe porque um dos agentes que fizeram isso está contando. Somente assim se fica sabendo. Se não fosse o general Pacepa, jamais saberíamos disso. Ou se não fosse também a abertura parcial dos arquivos de Moscou.

Se você pegar o livro da Diana West, verá que essa penetração da KGB na elite americana, governando o centro do poder, foi uma coisa absolutamente decisiva. Como por exemplo a questão entre Japão e Estados Unidos, que resultou no bombardeio de Pearl Harbor, foi uma operação montada por um homem da KGB, que tinha sobre o presidente Franklin Roosevelt o poder de um guru. O sujeito era tão íntimo da presidência que ele morava na Casa Branca, era Harry Dexter White. Então você vendo caso por caso, entende que esse negócio de guerra cultural não são “pessoas de esquerda que disseram isso ou aquilo”. Não! São profissionais, são agentes da KGB mesmo. Só que funciona, como dizia Willi Münzenberg, na base da criação de coelhos. Depois que você espalha aquela idéia, ela se impregna.

Por exemplo, durante a guerra do Iraque, todos os jornais do Ocidente, todos os mais importantes, praticamente sem exceção, noticiaram que durante os bombardeios os americanos haviam destruído todas as peças preciosíssimas das obras de arte do Museu de Bagdá. Isso saiu no mundo inteiro. Quando terminou a guerra, viu-se que, ao contrário, o exército americano havia guardado e preservado todas as obras. Não se perdeu nada. Só que aí o mal já estava feito, é sempre assim: o desmentido é sempre tardio e não é publicado com o

mesmo impacto, com o mesmo espaço da denúncia originária. Isso foi obra da KGB. O ex-agente confessa e fala: “Nós fizemos”. A desinformação sobre o Papa de Hitler foi uma operação da KGB.

Então, nada dessas coisas, nenhum desses mitos que a esquerda espalha saem simplesmente, espontaneamente, da cabeça de um esquerdista. Não são militantes que fazem essas coisas, nem militantes e nem companheiros de viagem, simpatizantes. Isso é um trabalho profissional, é uma ciência. É necessário um controle meticuloso dos meios de informação, do seu alcance, dos destinatários e do controle que você mantém sobre a circulação da informação. É uma coisa dificílima de fazer. E sobretudo, importante é saber que só existe informação de um lado, do outro é impossível. Não há desinformação que possa penetrar num regime totalitário. Você pode falar mal dele desde fora. Então, por exemplo, você pode inventar uma mentira escabrosa sobre Fidel Castro, mas onde irá publicar? Aqui no *New York Times*, no *Washington Post*. Você não vai publicar no *Granma*. Pode inventar coisas horríveis contra o Putin, mas não vai publicá-las no *Pravda*. Você vai publicar de fora, mas de fora é o inimigo quem está mentindo contra você, então não funciona.

A infiltração em imprensa é só um dos meios. A criação de organizações de fachada, como, por exemplo, o Conselho Mundial das Igrejas, ou União Internacional dos Sindicatos, União Internacional do Trabalho, União Internacional das Mulheres, tudo isso são fachadas da KGB, e você montar uma coisa dessas custa muito dinheiro, dá muito trabalho e precisa de profissionais altamente qualificados. Imagine a hipótese oposta: nós vamos montar uma organização de fachada dentro da União Soviética. Impossível! Se você olhar a Enciclopédia Soviética, lá consta: Desinformação – técnica criada pelos malditos imperialistas para falar mal da União Soviética. Ora, se eles falam mal da União Soviética em Nova Iorque, isso não é desinformação, é apenas falsa informação, supondo-se que seja falsa. Desinformação americana ou ocidental na União Soviética nunca existiu. É materialmente impossível. Portanto, só comunista pratica desinformação. Falsa informação, no entanto, todo mundo pratica um pouco.

Ficam esses dois livros indispensáveis. Esses abrirão o caminho para todas as pesquisas que você tenha a fazer. É importante também que você leia o livro do Vladimir Bukowski, *Julgamento em Moscou*, e, no fim das contas, tudo que Vladimir Bukowski escreveu. Eu não sei se existe uma edição do livro do Bukowski em inglês. Tem edição francesa pela Fayard, que é *Jugement à Moscou*. É um livro muito impressionante porque Bukowski foi o primeiro sujeito a penetrar nos arquivos de Moscou. Naquele tempo ele ainda usava aqueles scanners de mão que rolavam sobre o papel, e copiou 3 mil páginas. O que são 3 mil páginas num arquivo que tinha 8 bilhões de dossiês? Mas esses 3 mil significam alguma coisa. Quando ele chegou no Ocidente com aquele material, ninguém queria publicar aquilo. Os jornais do ocidente disseram: “Não, nós não queremos reabrir velhas feridas.” Você já pensou em fazer a mesma coisa com a Alemanha depois da Segunda Guerra? Você não pode falar mal da Gestapo, não pode falar mal da SS, [1:40] porque é ‘reabrir antigas feridas’. Então é evidente que se trata de pessoas infiltradas que estão lá para proteger. Isso não é uma coincidência, não é uma opinião que se espalhou espontaneamente. Essas coisas jamais acontecem espontaneamente.

Aluno: *Como o Sr. vê a iniciativa do Vladimir Putin de combater o movimento homossexual e dizer que com isso quer defender o cristianismo? Vários países do leste europeu já estão apoiando leis anti-propaganda homossexual, como vi no blog do Júlio Severo.*

Aí você tem de ver a coisa sob dois lados. Primeiro, a repressão da propaganda homossexual pode até ter um efeito benéfico sobre outros países, sem sombra de dúvida. Mas dentro do plano geral do Putin – eu não tenho certeza do que eu estou dizendo, isso é uma conjectura que eu faço, conjectura baseada em fatos: o Putin é um homem da KGB – o governo é constituído

maciçamente de gente da KGB, mas eles têm a experiência de que a montagem do estado comunista fracassou. Então eles querem manter um regime totalitário, mas eles têm de mudar de discurso ideológico. O sistema vai continuar mais ou menos o mesmo, mas você tem de mudar o pretexto, porque aquele negócio marxista só convence gente na América Latina. Então ele está fazendo uma fusão — como foi criada pelo Alexander Dugin, não foi ele quem fez — em que você ajunta todas as ideologias que são anti-americanas, que são contra o capitalismo moderno: você tem o comunismo, o fascismo, o nazismo, o tradicionalismo russo, a escola guenoniana, tudo que pode haver contra a modernidade capitalista, ele pegou e fez não uma síntese, mas um amálgama.

E esse amálgama se encaixa muito bem na idéia do imperialismo russo: restaurar o Império Russo agora como uma potência comunista, mas simplesmente como o bom e velho Império Russo dos tzares, apelando também para os sentimentos nacionalistas e religiosos da população russa, e aproveitando-se da circunstância de que aquela pseudo-consagração que João Paulo II fez da Rússia, em que ele consagrou genericamente o mundo e não convocou todos os bispos, ou seja, ele não fez aquela Consagração que Nossa Senhora pediu em Fátima, mas fez um arremedo, uma gambiarra: “Não dá pra fazer agora, mas para não dizer que não fizemos nada, vamos fazer alguma coisa.”

Imediatamente o pessoal ligado a Dugin, Putin etc., disse: “Ah, é nossa chance, porque agora estamos consagrados, então nós representamos o estandarte de Fátima.” Agora a Igreja Ortodoxa representa a salvação do mundo. A Igreja Ortodoxa é o estado russo. Lá não existe a separação de Igreja e Estado, são a mesma coisa, a Igreja pertence ao Estado. “Temos um potente instrumento ideológico que pode seduzir os cristãos do Ocidente para favorecer o crescimento e a vitória do Império Eurasiano”. É claro que tudo isso é uma farsa, mas toda farsa tem de conter elementos de verdade. É verdade que a maioria da população russa, sendo cristã ortodoxa, rejeita a propaganda homossexual. Então, neste sentido, ele atende um anseio dessa população. Atende realmente. Você não pode construir uma mentira só de mentiras — é regra básica da desinformação —, ela tem de ter um núcleo de verdade.

Para pessoas que julgam as coisas desde um ponto de vista provinciano e limitado, os valores pessoais delas são o que existe de mais importante, e elas só encaram por este prisma. O que eu estava explicando na primeira parte da aula era o seguinte: você se abrir a esses vários pensamentos filosóficos mais contraditórios, vivenciá-los e guardá-los dentro de si como seu estoque de certezas e dúvidas e perguntas etc., é o que impede você de se cristalizar num corpo de sentimentos usuais que vira como uma peneira pela qual vê o mundo sempre. Por exemplo: pessoas que são cristãs e que, dentro do cristianismo, sentem uma importância especial pela moral sexual. É fácil tornar-se assim, porque as pessoas quando entram numa religião, a primeira coisa que procuram são as proibições de conduta sexual. Por quê? Porque essas são a maioria das culpas que elas carregam. Em geral, as pessoas não mataram, não roubaram, não prestaram falso testemunho, mas alguma sacanagem na esfera sexual elas fizeram, então essa é a maior fonte de culpas da humanidade. Deste modo, quando o sujeito entra naquela religião, ele quer o alívio daquelas culpas, e o alívio é alguma penitência, alguma proibição etc. Pessoas medíocres, quando entram em alguma religião, procuram primeiro a moral sexual e passam a ver tudo por isso e, quando aparece algo que atende aos reclamos da moral sexual dela, ela acha que aquilo é a salvação do mundo; não vai tentar sair de dentro da sua peneira para encarar a complexidade toda da situação. Na verdade, nem aguenta a complexidade, não tem nem suporte intelectual para isso.

Então é evidente que vão aparecer milhares ou milhões de cristãos achando que é uma maravilha. Pode ser uma maravilha sob certo aspecto, mas encarado dentro da estratégia geral,

isso é um instrumento para destruir o cristianismo ocidental, e passar no lugar dele o monopólio, a hegemonia, da Igreja Ortodoxa Russa, que é o Estado russo. É a mesma coisa quando você for julgar o nazismo. Muita gente aplaudiu Hitler, por quê? Porque ele aumentou o salário. O sujeito com uma mentalidade pequena pensa: “Aumentou meu salário, então o governo é bom”. “Ah, mas tem uns judeus num campo de concentração”. “Ah, sei lá, eu não conheço nenhum judeu. Não está no meu horizonte de consciência aquilo...” Você pode até saber, pode até receber a informação, mas ela não tem peso emocional para você.

Infelizmente no Brasil acontece isso, as opiniões que circulam nos meios públicos de difusão hoje em dia são todas assim. Não há mais uma esfera de discussão pública que leve em conta a totalidade das informações disponíveis. Eu mesmo acabei de dar um exemplo no Facebook: aparece aquele Sr. Bertone e o tal do Simões dizendo “Ah, os alunos do Olavo tem adoração religiosa por ele. Isso é uma idolatria.” Idolatria? Vamos comparar: Algum de vocês já me chamou de Santo? Não. De Profeta, no sentido estrito da coisa? Não. Algum de vocês já pediu a minha bênção? Não. Pediu-me uma oração de intercessão? “Professor Olavo, estou com hemorróidas, mas eu sei que Deus lhe dá uma atenção especial, então o Sr. peça para Deus curar minha hemorróida.” Nunca ninguém pediu. O máximo que fizeram foi me chamar de mestre, que é normal com um professor, e chamar de gênio.

Agora compare com o que o pessoal da esquerda faz. Na eleição do Lula, o Hélio Fernandes escreveu no *Tribuna da Imprensa* que o Lula era o Salvador Prometido na profecia de São João Bosco. Foi proposta a beatificação do Herbert de Souza, o Betinho, pelo simples fato de que ele instrumentalizou, a serviço da esquerda, as organizações de caridade e ficou como um estereótipo de bondade – o que é uma coisa totalmente ridícula e desproporcional. O Leonardo Boff foi chamado de mártir, vezes sucessivas por conta de um “pito” modesto e paternal que levou em Roma. Não fizeram nada contra ele, só o pediram: “Olha, o Sr. fica quieto durante um ano. Não escreva em nome da Igreja Católica. Pode escrever pessoalmente, mas em nome da Igreja Católica não fale durante um ano.” Isso foi o máximo que aconteceu com ele, virou um mártir. E o Lula, quando vai para o Nordeste, o pessoal faz fila para ser curado por imposição de mãos, e não apareceu ninguém na esquerda para dizer que isso é idolatria.

O sujeito, à hora em que fala, está julgando não pelo padrão de informações que possui da sociedade inteira, mas pela sua impressão daquele momento, então usa uma palavra totalmente inadequada, totalmente fora da realidade. No Brasil, as opiniões hoje são todas essas, tudo subjetividade; e agrava ainda pelo fato de que essas pessoas foram educadas, alfabetizadas no Socioconstrutivismo, o que as torna para sempre incapazes de desenvolver o senso das nuances, o senso do peso relativo das palavras. Depois chega na universidade e ainda aprende o Desconstrucionismo, que diz: “Não, a verdade não existe. Você pode criá-la mediante o uso da linguagem. Porém, como o ser humano não pode viver sem algum [1:50] senso de veracidade, esquece que inventou e passa a acreditar na invenção. Isto consagra a histeria como método de pensamento. O histérico não diz aquilo que ele vê. Ele vê aquilo que disse. As pessoas pensam assim. Isso virou epidêmico no Brasil, não só nas discussões de internet, blog etc., mas nos grandes jornais também.

Então você não tem mais uma discussão cultural. Você tem apenas troca de impressões pessoais como se fosse num botequim. As pessoas não são capazes nem mesmo de representar ideologias em conflito. A miséria chegou no ponto do indescritível. Não tenho como explicar isso para um americano; ele não entenderá, porque eu terei de usar palavras que ele também poderia usar para descrever a situação daqui. Se eu falar: “Ah, temos uma decadência nas universidades.” Ele dirá: “Ah, também temos.” “Temos alta criminalidade.” “Também temos.”

“Temos alto nível de corrupção.” “Também temos.” Então, ele não vê a desproporcionalidade. Só os dados quantitativos é que podem dar uma ideia.

Aluno comenta sobre a proposta da CNBB de canonização da irmã Dorothy.

A CNBB quer entrar com um processo de canonização da irmã Dorothy, que era aquela que estava metida com o pessoal dos seringueiros. A mulher está lá fazendo agitação comunista e a CNBB acha que deve canonizá-la. Isso é como a canonização do Betinho, é claro que não vai progredir, a menos que o Vaticano se brasilianize rapidamente. Mas quando um órgão como a CNBB faz uma coisa dessas, quer dizer que eles também perderam o senso das proporções. Seria o caso de perguntar: “Quantas pessoas obtiveram um milagre através da irmã Dorothy?” Nenhuma, evidentemente. “Quantas obtiveram milagres através do Betinho?” Sem a existência de milagres atestados, não dá nem para entrar com processo de canonização. Mas eles acham que dá, por quê? Porque eles gostam muito dessa irmã Dorothy, e para eles a palavra “santo”, usada como figura de linguagem, e usada como termo técnico da Igreja Católica, para eles não faz mais diferença. Eles perderam o senso do peso relativo das palavras e, quando chega nisso, toda discussão pública é absolutamente inviável e inútil.

Tudo o que eu escrevo é para vocês. Na verdade, eu não escrevo para mais ninguém. Pode ser que alguém de fora, lendo, se torne aluno. Isso lhe trará algum benefício. Vejam o que aconteceu com este senhor Bertone e este senhor Simões, que não leram uma linha do que eu escrevi, não leram sequer artigos, ouviram alguns programas do *True Outspread* e fazem apreciações do conjunto. Um deles fala até em “Trajetória de vida inteira do Olavo de Carvalho.” Como trajetória de vida inteira? O sujeito que publicou 15 livros, tem 40 mil páginas de apostila indexada e publicou aproximadamente uns 2 mil artigos na imprensa, você vai julgar por um hobbie tardio de radialista que ele obteve, sem levar em conta sequer que o programa se dirigia especificamente a meus alunos? Pois logo no começo eu disse: “Este programa se destina a responder e-mails. Eu recebo mais e-mails do que eu conseguiria responder por escrito, então eu vou responder aqui. As pessoas me mandam consultas, dúvidas etc., eu responderei por aqui. É um programa para um público específico”.

Essas pessoas fazem isso porque são desonestas? Sim, elas também são desonestas, mas a mera desonestidade não basta para fazer uma coisa dessas. É preciso um estreitamento mórbido do horizonte de consciência, é preciso uma espécie de hiper provincianismo. Na definição do Ortega y Gasset, o provinciano é o sujeito que acha que o mundo é igual à sua província. Ele só sabe aquele pedacinho, julga o resto por aquilo. Então não há mais discussão cultural. Discussão cultural pressupõe pessoas que dispõem dos dados sobre o conjunto da cultura e da sociedade, e que podem divergir na sua interpretação, mas têm acesso aos dados e têm um domínio da linguagem mais ou menos equivalente. Se você vê as discussões entre Gustavo Corção e Alceu de Amoroso Lima, os dois conheciam a doutrina católica igualmente, só que um interpretava de um jeito, o outro interpretava do outro, mas não estavam julgando o todo a partir de um pedacinho. É o famoso negócio do Arthur Koestler, que perguntava para o sapo o que era o céu e ele respondia: “É um burquinho no topo do poço onde eu moro.” É exatamente assim.

Em todo lugar existe gente assim. Pessoas incultas são por definição aquelas que não sabem do que estão falando. Só que no Brasil se tornou epidêmico.

Aluno dá dicas sobre estudos a respeito do João Poincaré (João de São Tomás) e do grande estudioso dele, John Deely.

Eu estou lendo as obras do John Deely e estou maravilhado. Maravilhado! É um belo trabalho o que este homem está fazendo. Não há dinheiro que pague, porque ele não apenas trouxe de volta essas obras do João Poincaré e outros filósofos da mesma época, mas com isso ele remaneja toda visão que nós temos da História da Filosofia. O pedaço que foi apagado, ele traz de volta e, quando você reinsere esse pedaço, praticamente nada foi como as histórias da Filosofia estão contando. A história foi outra muito diferente, entretanto, ainda vai demorar muito tempo até que se integre no meio universitário. Mas os livros do John Deely são como bombas colocadas embaixo da ponte, não sobra pedra sobre pedra. São livros maravilhosos. Estou gratíssimo, porque eu não sabia que havia um grande interesse pelas obras de João de São Tomás nos Estados Unidos. No mundo anglo-saxônico, isto é a coisa mais estravagante do mundo! Eles só lêem o que eles mesmos escrevem. Agradeço mais essas novas dicas aqui, e vou continuar estudando isso.

Aluno: Recomenda a leitura de Simone Weil?

Sim! Simone Weil era uma moça judia que se converteu ao cristianismo, mas jamais foi batizada. Morreu sem batismo. E há muitas ideias dela com as quais você não pode concordar, mas que são, de novo, a experiência profunda de uma alma. Às vezes essas pessoas, quando se convertem, ficam mais cristãs do que os outros, e às vezes exageram. O sujeito mais cristão que eu conheci era um judeu vizinho do Gustavo Corção. Gustavo Corção o converteu, e ele virou um católico tradicionalista, o mais durão que eu conheci: Dr. Julio Fleischman, de saudosíssima memória. Com a Simone Weil aconteceu a mesma coisa, ela quer ser tão cristã que passa do limite.

Transcrição: Evandro Santos de Albuquerque, Aline Ribeiro Borges, Paulo Ricardo Costa Pinto e Gyordano Montenegro Brasilino
Revisão: Sara Jane Matos Bezerra